

## A DIALÉTICA DA FORMAÇÃO CULTURAL EM THEODOR W. ADORNO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E O ENSINO DE FILOSOFIA HOJE

Fernando Lopes de Aquino \*

### **Resumo:**

Neste artigo buscaremos estabelecer uma relação entre as concepções de Adorno quanto à “Formação Cultural” e o ensino de filosofia. Consideraremos preponderantemente o papel da filosofia e sua relação com o momento histórico em que se desenvolve sua prática.

**Palavras-chave:** Educação. Indústria cultural. Semicultura. Filosofia.

### 1 INTRODUÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA RELAÇÃO COM O PRESENTE

A inserção do ensino de filosofia como disciplina escolar requer algo parecido com a interrogação acerca de sua especificidade, sobretudo a partir de problemas próprios de nosso contexto. Neste sentido, talvez devêssemos nos perguntar de que maneira o seu ensino de filosofia estabeleceria alguma identidade e relação com as questões presentes em nossa sociedade e cultura.

Conforme o diagnóstico prescrito por Adorno em *Teoria da semicultura* (1996) quanto ao que hoje se manifesta acerca da formação cultural, o que presenciamos é uma forma dominante de consciência, cuja contradição, consiste precisamente na *semicultura* advinda “apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde” (ADORNO, 1996, p. 389).

Dito isto, e pretendendo um recorte para a reflexão acerca dos problemas que o ensino de filosofia encontra atualmente, visualizamos diante de nós uma questão notavelmente parecida com a que Kant evidenciou num de seus artigos publicado em 1784, “Resposta à pergunta: ‘Que é Esclarecimento’”, em que, situado num contexto de grande efervescência e complexidade política, nos revela parte significativa da identidade e propósito

---

\* Mestrando em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP, Brasil. E-mail: fernando\_ldaquino@yahoo.com.br.

da filosofia iluminista, isto é, a de tomar o presente como problema filosófico. Segundo Kant,

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. (KANT, 1974, p.100)

A sequência do texto, por se constituir como reflexão do presente, isto é, como o desvelar de seu momento, traz à tona um novo mote para o pensamento filosófico. Foucault analisa isto como uma nova forma de indagação introduzida na filosofia sob o ponto de vista das questões do presente, daquilo que está acontecendo agora. Ou ainda, o que é esse presente que define minhas ações? (FOUCAULT, 1994, p, 139)

Após conceituar o esclarecimento, Kant se pergunta se já o haviam alcançado; se já “vivemos agora em uma época *esclarecida*?” (KANT, 1974, p.112) A resposta à pergunta é negativa, contudo o ponto principal da reflexão é o fato de Kant repor a filosofia no contexto da vida. À filosofia caberia então, refletir sobre as circunstâncias que possibilitam o próprio exercício filosófico. Haveria, portanto algum sentido em relacionar o *esclarecimento* e o projeto de autonomia pensado por Kant como diretamente conexo com nossa prática filosófica e pedagógica? Ou seja, na medida em que a autonomia se constitui como um projeto de libertação pensado através das circunstâncias do *presente*.

Ao menos às análises da chamada Escola de Frankfurt, e mais especificamente a Adorno, esta perspectiva será profundamente pertinente. Existiria uma semelhança peculiar entre este último e as propostas do iluminismo, evidentemente sem o mesmo otimismo e valorização da razão, sobretudo diante das experiências de *Auschwitz* refletidas tão intensamente no pensamento deste autor. A grande ressalva, no entanto, seria a de tornar a crítica um elemento radical, inclusive sobre a própria razão e sobre aquilo que há de contraditório nas propostas do esclarecimento,

Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento

cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.13)

Situando-se no escopo das reflexões sobre as contradições e propostas de um esclarecimento da humanidade, convém notar que para Adorno, quanto à busca pela autonomia e no âmbito das dificuldades do presente, há ainda a necessidade de se considerar o fato de que hoje, a formação, se converteu em *semiformação*. Ou seja, a partir da estrutura capitalista, as pessoas são educadas/formadas como reprodutoras e clientes desse sistema.

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede a formação cultural, mas a sucede. Deste modo tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. (ADORNO, 1996, p.391)

Trata-se do principal tema discutido pelo autor num artigo intitulado *Teoria da Semicultura* (ADORNO, 1996), ou seja, a crítica da formação cultural a partir da indústria, onde se mesclam os propósitos da indústria e da cultura. Uma vez que esta se limita a *semiformação*, responsável também pela manutenção ideológica das classes dominantes, o paradoxo é justamente a constatação de que em uma época de universalização da informação o que se difunde é uma forma preponderante de *semicultura* e sua conseqüente heteronomia, ambas palpitantes nos indivíduos e na sociedade.

Ao questionar os fundamentos do pensamento moderno e como o mesmo se processou culturalmente, a primeira geração da escola de Frankfurt, do qual destacamos Adorno, evidenciou a existência de determinantes econômicos pautando sua prática, implicando assim, numa ordem e lógica mercadológica que invariavelmente conflui numa construção cultural deformada. Esta conjectura faz referência a uma inquietação primordial, desenvolvida em *Dialética do Esclarecimento* sob a proposição de “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.11)

Por este motivo e de forma veemente, Adorno desdobrará uma série de críticas a maneira como a modernidade fez uso da razão, ou seja, como um simples instrumento – como técnica de domínio –, bem como a concepção de um mundo simplista constituído por objetos manipuláveis. Para Adorno, “as pessoas tendem a tomar a técnica pela coisa mesma, a

considerá-la um fim em si, uma força com vida própria, esquecendo, porém, que ela é o prolongamento do braço humano.” (ADORNO, 1995, p.118) trata-se de uma temática profundamente explorada pelo autor, servindo como chave de leitura para a racionalidade moderna.

Ao dar primazia ao *poder* técnico e social que a racionalidade instrumental concede ao homem, também os aspectos culturais se destituem de seus valores particulares que, subjugados pela tirania do capital propositadamente duplica na consciência dos indivíduos uma outra realidade, esta por sua vez, seguindo paralelamente a indústria e o mercado.

A indústria cultural é a maneira de o capitalismo dissolver esses valores e manipular os indivíduos reorganizando a sociedade e a vinculando a economia. Conforme Adorno, “é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO, 1985, p. 114).

O projeto arquitetado pelo capitalismo funcionaria precisamente como um “círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa” (ADORNO, 1985, p.114). Ao duplicar nas consciências dos homens o que existe, sobretudo uma cópia continuada do sistema vigente, a indústria cultural inicia um processo de *semiformação* capaz de tornar as massas uma extensão social de si, que, por conseguinte, são semiformadas para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural.

O produto oferecido pela indústria cultural, segundo Adorno, é fonte de orientação, onde ao se experimentar as situações análogas as da vida real, alienam-se as consciências. Também para Adorno, isso representaria o,

Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (ADORNO, 1996, p.388)

Um dos principais desdobramentos sociais desse tipo de hegemonia cedida à indústria cultural se refere ao fato de que nos dias atuais é precisamente ela a força de maior expressão no que tange a formação cultural das pessoas. Conseqüentemente, a indústria cultural se torna uma forma quase que exclusiva de organização social, determinando e ordenando as relações segundo os preceitos administrativos do sistema econômico. Neste sentido, condicionam-se as

expressões do espírito e sua própria humanização às necessidades técnicas das sociedades industrializadas.

Por não ser imune a tal degradação, o espaço educacional resguardaria certas características propícias para reiterar a formação desse *homem massa*. A dinâmica de um espaço público que, por se adaptar a ordem da semiformação, inviabiliza a formação cultural também no âmbito privado.

A relação entre a cultura moderna e a educação se manifesta precisamente através da adaptação da educação aos parâmetros culturais difundidos ideologicamente através da indústria cultural, a isto Adorno denomina de semiformação. Mediante esse processo, a educação tornar-se-ia também um produto de consumo conformado às propriedades econômicas, reificando os homens e suas relações, bem como, excluindo os valores que não conspiram com a manutenção desse sistema.

Assim, nos caberia, portanto, questionar o papel da educação nos dias atuais e, sobretudo o papel da filosofia diante dessa condição heterônoma, para usar os termos kantianos. Consequentemente, preservaríamos também uma característica própria da modernidade, a de tomar e pensar o presente como problema filosófico.

## 2 *BILDUNG* E FORMAÇÃO CULTURAL

Em que consistiriam as proposições de Adorno à situação presente de semiformação, tal qual como vimos anteriormente? Certamente uma noção de formação e educação que preservasse as características da autonomia. Neste sentido, a *Bildung* da tradição alemã se porta como base para especificar a nossa discussão.

Em geral, caracteriza-se *Bildung* como cultura, ou ainda, como formação cultural. Há também uma forte relação com o âmbito pedagógico, no sentido de formação como processo. Este processo, além de contínuo, diz respeito à interação do sujeito consigo mesmo e com o meio em que se situa. Precisamente por ser tomado como processo, não podemos delimitar o seu fim, devemos considerá-lo como algo aberto, inconcluso e passível de reavaliação continuada.

Nestes termos, a *Bildung* revelaria certa tensão entre a autonomia do sujeito e o meio em que se situa objetivamente. Para Adorno, longe de determinar um ponto específico da constituição desse processo, seja o indivíduo ou o meio, devemos considerar a formação de

modo dialético. A formação cultural requer autonomia e submissão, aceitação do mundo e ao mesmo tempo sua negação. É desse processo dialético que poderia advir a emancipação dos sujeitos.

Contudo, para que haja esta tensão, a postura do indivíduo frente à sociedade requer necessariamente que o mesmo esteja consciente de seu papel. É somente através de ações livres que o indivíduo pode retroagir sobre a sociedade a fim de transformá-la. Segue-se a mesma tradição kantiana acerca da necessidade de primeiro se atingir a maioria para em seguida desenvolvermos uma ação crítica e transformadora da sociedade.

Para Adorno, a formação cultural exige este grau de autonomia, pois ao apreendermos a cultura mediante a lógica do mercado, como está posto na sociedade contemporânea, isto invariavelmente conflui em semiformação e esta é, por sua vez, aquilo que impede ações conscientes no âmbito da sociedade e da cultura. Insere-se no mesmo princípio de *menoridade*, como observara Kant, condição que os homens aceitam e, por isso são culpados, pois não *decidiram* servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.

Na medida em que a cultura se ajusta aos mecanismos do mercado e isto passa a ser priorizado no processo de educação/formação, ocorre o fim da tensão entre o sujeito e o seu meio. Desvanece as possibilidades de reflexão e as formas autênticas do espírito humano, e com isso, a possibilidade dos homens de se educarem um ao outro através da cultura. O primado desta subserviência Adorno denomina de *adapção*.

A adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade de meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. (ADORNO, 1996. p.391)

Para Adorno, se ignorarmos o contraponto da adaptação, isto é, a afirmação do indivíduo mediante o uso livre de sua razão (a crítica), a formação/educação tende a se portar como mecanismo ideológico, uniformizando as mentes e subtraindo a individualidade. O ato educativo, embora preserve a cultura que precede as gerações educadas por ele, deve valorizar a resistência e a crítica.

### 3 O ENSINO DE FILOSOFIA E A TEORIA CRÍTICA DE ADORNO

Segundo a perspectiva de Adorno, o ensino de filosofia, por conta de sua especificidade crítica, deveria corroborar para uma formação cultural no seu sentido mais pleno. Como um processo em curso, que articula o que está dado com a liberdade e a subjetividade dos sujeitos diante disso poderia encontrar novas formas de significação da cultura, da vida, de si mesmo, etc. Segundo estas considerações, a reflexão crítica seria um requisito indispensável, e nisto o ensino de filosofia poderia contribuir.

Em que pese ao ambiente escolar, e o seu cenário de desolação, ele mesmo deve ser visto sob esta ótica. Nestes termos, mesmo as condições adversas se tornam um marco para a prática filosófica, pois para uma reflexão crítica, isto já se configuraria como uma característica do ensino a ser repensada. Por conseguinte, devido a complexidade dos determinantes políticos, econômicos e éticos que subjazem a questão, estes pontos se apresentam indubitavelmente como questionamentos filosóficos.

Na verdade, isto evidencia que no âmbito da educação, quando esta se prende aos mecanismos administrativos do sistema capitalista, o que decorre de sua formação, embora incoerente com o processo de emancipação humana, é também a afirmação da alienação dos indivíduos, da mesma forma que no âmbito da cultura, a indústria cultural corrobora para a semicultura. Sendo assim, em ambos os casos, urge a necessidade da resistência. Quanto a isto, para Adorno, “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu.” (1996, p.410)

Portanto, longe de uma consideração puramente “crítico-reprodutivista” acerca da educação, as considerações de Adorno buscariam apreender as tensões dialéticas desse campo social. Segundo Saviani,

Com efeito, a cultura (e, em seu bojo, a educação) é um fenômeno superestrutural; integra, pois, a instância ideológica, sendo assim determinado pela base material. Portanto não tem o poder para alterar a base material. (2003, p.66)

Para as teorias pedagógicas que seguem esta vertente (Althusser; Bourdieu e Passeron; Baudelot e Establet), quaisquer tentativas no âmbito da educação que visasse tornar os indivíduos conscientes e emancipados, seria *a priori* um equívoco, pois nestes termos, a

escola se configuraria como um “aparelho ideológico do Estado”, ou seja, servindo essencialmente para a manutenção do *status quo* dominante, “para eles, a educação escolar é unicamente um instrumento da burguesia na luta contra o proletariado. Em nenhum momento admitem que a escola possa ser um instrumento do proletariado na luta contra a burguesia.” (SAVIANI, 2003. p.69)

Como vimos, Adorno não nega tais características, ao contrário, afirma a decadência da educação entrelaçando-a com o processo de alienação capitalista através do desenvolvimento contínuo da indústria cultural. Denuncia, portanto o que há de ideológico no ensino, mas ainda assim, atribui à educação a possibilidade de uma formação consciente, sobretudo na medida em que contribui para a resistência diante da cultura dominante.

Sobrepunhando qualquer forma reducionista, formar, no sentido exposto por Adorno, é abertura crítica para o mundo. É sensibilidade moral, estética e social. É preparar-se para uma presença na sociedade que ultrapassa a mera adaptação, sobretudo diante do quadro atual e da lógica vigente, em que tanto o ser humano como suas relações, seu trabalho, sua arte, etc., são reificados sob a bruma do mercado.

A perspectiva crítica proposta por Adorno não nos exime de uma autocrítica, isto é, crítica a nossa prática enquanto professores de filosofia. Por exemplo, é evidente que a iniciação em filosofia não pode deixar de lançar mão dos sistemas filosóficos, mas limitar-se a isto seria demasiado perigoso, embora imprescindível. Já esta percepção poderia ser então uma primeira prerrogativa para o ensino de filosofia numa perspectiva crítica que fosse além da mera adaptação cultural.

Mais uma vez Kant também nos serve de referencial. Ao especificar seus procedimentos num curso ministrado entre 1765 – 1766, o filósofo tem o cuidado para fazer com que seus alunos não se tornem “portadores de uma ciência de empréstimo, que neles estará por assim dizer, apenas grudada e não desenvolvida, ao passo que suas aptidões mentais permanecerão tão estéreis como dantes.” (KANT, 1992. p.174) Mais adiante Kant formulará a celebre expressão sobre a impossibilidade de se aprender filosofia, restando apenas o filosofar. Também nesta perspectiva, Savater ao retomar a frase de Kant complementa que,

A recomendação kantiana de que não se deve ensinar filosofia, mas sim a filosofar condensa num lema a dificuldade, mas não a resolve. O distintivo do filósofo não é arengar às massas nem sequer doutrinar grupos de estudo, mas comunicar o individualmente pensado a um interlocutor também único e



irrepetível. (1995, p. 31).

Segundo Adorno, o professor de filosofia deve seguir esta perspectiva na medida em que estimula seus educandos à superação de uma mera introdução aos sistemas filosóficos ou a pura contemplação dos mesmos; suas ações devem ser em direção a uma apropriação significativa, problematizadora e investigativa da própria filosofia e da vida.

Adorno considerou que o processo de formação cultural deve trazer algo como uma resistência diante da mera adaptação. Tratar-se-ia de uma tensão vista sob uma perspectiva fundamentalmente dialética. No que diz respeito ao papel da filosofia e seu ensino esta perspectiva deveria ser radicalmente preservada. Por conseguinte, seria necessário também, compreender o próprio ambiente escolar como local de contradições, o que por sua vez, sob uma perspectiva e reflexão crítica, se inscreveria no âmbito das proposições acerca da *Bildung* que Adorno almejou resgatar ao longo de suas obras, tal como exposto acima.

Dessas contradições poder-se-ia problematizar e construir, sobretudo a partir das nossas necessidades atuais, respostas para questões éticas, estéticas, antropológica, social e cultural, para além do dogmatismo e da intolerância do senso comum, que via de regra, difundem-se mediante uma indústria cultural que apesar do alto índice de informações apregoadas, corroboram para uma espécie de “educação danificada”.

#### 4 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max; *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995

\_\_\_\_\_. *Teoria da semicultura*. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Claudia B. Moura Abreu, *In Educação & Sociedade: revista quadrienal de ciência da educação*, ano XVII, nº 56, Campinas: Editora Papyrus, dez./ 1996., 388-411.

FOUCAULT, M. *The art of telling the truth*. In. KELLY, Michael. *Critic and Power*. Cambridge, MITPress, 1994

KANT, Immanuel. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? *In.: Immanuel Kant: Textos selecionados*. Petrópolis: Vozes, 1974

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2003.